

Autor: Joaquim Fernando da Cunha Guimarães

O ENSINO DA CONTABILIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Adaptado de uma intervenção efectuada no 5.º Encontro da ADCES, realizado no Porto, nos dias 11 e 12 de Outubro de 1996.

Jornal do Técnico de Contas e da Empresa n.º 390, de Março de 1998, pp. 68-9.

MARÇO DE 1997

Autor: Joaquim Fernando da Cunha Guimarães

Antes de apresentar a nossa comunicação pedimos autorização para fazer alguns modestos comentários sobre a investigação e o ensino da Contabilidade no Ensino Superior .

É obvio que distintos professores aqui presentes estarão, com certeza, em melhores condições para tecer considerandos de maior valia sobre esta temática. Contudo, não nos queríamos eximir, repetimos, de verbalizar alguns desabafos. Julgamos, salvo melhor opinião, que deve ser esta a sede própria para discutirmos estes problemas.

Em recente estudo publicado em diversas revistas de contabilidade, intitulado “Quinquagésimo ano - Reintegrações versus amortizações”, o Prof. Doutor Camilo Cimourdain de Oliveira escreveu:

“Este trabalho é dedicado à memória daquele que, ainda até hoje não foi ultrapassado por qualquer outro tratadista e professor de Contabilidade português: o Prof. Jaime Lopes Amorim, a quem se deve a primeira apresentação, em 1929, de lições de Contabilidade com nível científico universitário, distanciando enormemente o ensino, que ele fez, da mera escrituração comercial que, até então - e ainda durante muitos anos depois -, se fazia no ensino superior daquela matéria, em Portugal.”.

Também, em publicação recente, do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro, dedicado àquele grande mestre da Contabilidade – o Prof. Lopes Amorim, o Dr. Hernâni Carqueja escrevia:

“Não fiquei surpreendido quando, ao folhear o último número distribuído (Setembro de 1992) da «Revue belge de la Comptabilité», deparei com o texto, em abertura de assunto, sob o título «Mecanique comptable», que equivale em português a:

«A definição de contabilidade

Técnica auxiliar das disciplinas de Direito e Economia, a contabilidade é uma técnica de registo e classificação dos fenómenos que constituem o seu campo de observação.

Autor: Joaquim Fernando da Cunha Guimarães

As questões de ontem são ainda de hoje, mas estou certo que Lopes Amorim não concordaria nem com a opinião nem com o realce que a ideia tem como primeiro parágrafo do primeiro artigo publicado na citada revista».

Como podemos verificar, há quem classifique, ainda hoje, a Contabilidade como uma técnica de escrituração, ignorando-se o seu papel científico.

Estas considerações levam-nos a pensar no Ensino Superior da Contabilidade que, em muitos casos, terá de ser reequacionado.

Ainda há cerca de dois anos o Dr. Carlos Baptista da Costa, numas Jornadas da APOTEC, alertava para algumas condicionantes do actual Ensino Superior da Contabilidade, na medida em que, não raras vezes, se transforma num complemento do Ensino Secundário, i.e., ensina-se a escrituração, a técnica, o deve e o haver, o debitar e o creditar, o POC e pouco mais, não se atribuindo a importância devida à história, à teoria e à ciência contabilística.

A normalização contabilística é importante e tem vantagens. Contudo, também possui inconvenientes e o maior deles é o da tendência para a estagnação do pensamento científico.

Ainda nos lembramos das aulas de Contabilidade Geral, e já lá vão 16 anos após a nossa licenciatura, quando o Prof. Doutor Armandino Rocha nos dizia mais ou menos nos seguintes termos:

“Não exijo que saibam a prática do POC, mas devem saber trabalhar com qualquer Plano e, para isso, terão de aprender a pensar a Contabilidade, nomeadamente as teorias em que a mesma assenta.”.

Numa das leituras que fizemos no Boletim da AECA (Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas), uma frase retivemos:

*“O que é a ciência contabilística sem a prática? É morta.
O que é a prática contabilística sem a ciência? É cega.”.*

Hoje, há quem fale da subordinação da teoria à prática contabilística e aponta-se como principal razão a atitude dos próprios investigadores.

A este propósito, numa conferência realizada recentemente em Lisboa, o Prof. A. Lopes de Sá, com o sentido de humor que o caracteriza, dizia mais ou menos o seguinte:

“A prática contabilística cada vez mais é influenciada e substituída pela informática. Dantes, os técnicos de contas eram conhecidos por «guarda-livros», hoje, passam a ser designados por «guarda-computadores». O que resta à Contabilidade é, portanto, a teoria e o seu carácter científico.”

Vem a propósito contar aqui um facto real. Há cerca de 6 meses pediram-nos para seleccionar um licenciado em Gestão de Empresas para uma empresa nossa cliente. A um dos candidatos, licenciado por uma Faculdade do Porto, perguntámos por que razão, sendo residente em Braga, não optou pelo Curso de Gestão de Empresas da Universidade do Minho. Respondeu-nos que tinha ouvido comentar que a disciplina de Contabilidade Geral, de que gostava muito, na Universidade do Minho era muito teórica e que lhe interessava mais aprender a prática contabilística.

Nessa mesma entrevista, mostrámos ao candidato o preâmbulo do referido estudo do Prof. Cimourdain de Oliveira e fizemos-lhe ver que, neste caso, provavelmente a Universidade do Minho é que estaria no melhor caminho.

Nos últimos anos a comunidade científica portuguesa tem evoluído significativamente, registando-se a ligação à nossa vizinha Espanha através de mestrados e doutoramentos.

Porém, nesta matéria, ainda estamos atrasados. Num recente estudo publicado na Revista “Técnica Contable” refere-se que, na década de 1984-1994, em Espanha, foram realizados 32 estudos empíricos em Contabilidade e no Reino Unido 161. Em Portugal, nos últimos 60 anos, só foram publicadas, tanto quanto se sabe, 5 teses de doutoramento que abordam a área da Contabilidade (três até 1983, uma em 1991 e a outra no ano passado, estas duas últimas realizadas por professores da Universidade do Minho).

Assim, podemos concluir:

a) O Ensino Superior da Contabilidade em Portugal carece de alguma normalização (v.g., conteúdos programáticos), tendo em conta, obviamente, a diversidade e as características de cada curso universitário. É evidente que a um licenciado em Economia ou em Direito não devem ser exigidos conhecimentos aprofundados da teoria contabilística, dado que é muito pouco provável que venha a fazer carreira na área da contabilidade. Mas,

julgamos que algo há a fazer nesta matéria, e a ADCES tem de assumir o seu papel;

b) Terá de haver um maior intercâmbio entre os estabelecimentos do Ensino Superior que leccionam Contabilidade, e aqui também a ADCES tem uma palavra a dizer. Estes Encontros constituem um bom exemplo;

c) A teoria e a componente científica da contabilidade não têm merecido, em muitos casos, a devida atenção;

d) Apesar de se registar um incremento da investigação científica da contabilidade a nível de mestrados e doutoramentos, julgamos que a história e a teoria da contabilidade terão de ser mais bem tratadas a nível dos cursos médios e superiores;

e) Terá que existir uma maior ligação entre a prática e a teoria contabilística. Estes encontros da ADCES terão de assumir cada vez mais uma maior abertura ao exterior.

f) Por último, lançamos um desafio: porque não a ADCES promover um levantamento de dados acerca do ensino da Contabilidade em todas as Escolas Superiores, através, por exemplo, de um questionário?